
Anchieta, o Apóstolo do Brasil

Anchieta, the Brazilian Apostle

Vandith Vieira da Silva Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Real Gabinete Português de Leitura

Berty R. R. Biron

Real Gabinete Português de Leitura

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1317>

RESUMO

O presente artigo propõe-se a oferecer uma visão abrangente da obra do padre José de Anchieta, pondo em evidência a importância de seu trabalho como catequizador, linguista, dramaturgo, poeta, pedagogo, autor de cartas informativas. Nesse sentido, trazemos as vozes de alguns críticos e estudiosos que, além de ressaltarem a engenhosidade de Anchieta e a multiplicidade de sua obra, nem sempre concordaram quanto ao lugar de precursor da literatura brasileira. Mas é notório que o jesuíta dedicou sua vida à causa religiosa, ou seja, à evangelização dos povos originários, o que lhe valeu o título de Apóstolo do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: José de Anchieta; O Apóstolo do Brasil; Visão dos críticos e estudiosos; Precursor da literatura brasileira?

ABSTRACT

This article aims to offer a comprehensive view of the work of Father José de Anchieta, highlighting the importance of his work as a catechizer, lin-

guist, playwright, poet, pedagogue, author of informative letters. In this regard, we gather the voices of some critics and scholars who, in addition to highlighting Anchieta's ingeniousness and the multiplicity of his work, have not always agreed on the position as a precursor of Brazilian literature. However, it is notable that the Jesuit dedicated his life to the religious cause, this means to the evangelization of the original people, which earned him the title of Apostle of Brazil.

KEYWORDS: José de Anchieta; Apostle of Brazil; Critics and scholar's view; Precursor of Brazilian Literature?

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo oferecer uma visão geral do trabalho realizado no Brasil pelo padre José de Anchieta, missionário da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola. Alguns aspectos relevantes de sua diversa e extensa produção encontram-se aqui focalizados, com a análise por críticos e estudiosos. Se, por um lado, não é possível afirmar a existência de um consenso entre eles, no sentido de considerar Anchieta o precursor ou iniciador da literatura brasileira; por outro, é notório o reconhecimento da importância do trabalho desse jesuíta, que dedicou toda a sua vida, predominantemente, à evangelização, desde sua chegada à Baía de Todos os Santos, em 1553, até o fim de seus dias, em 1597, em Reritiba, depois denominada Anchieta, no Espírito Santo.

Este artigo compõe-se de quatro seções, das quais a primeira é esta breve introdução. A segunda seção, em que abordamos a obra plural de Anchieta em seus aspectos gerais, organiza-se nas seguintes subseções: a *Arte de gramática da língua mais usada no Brasil*; o Sermão da Conversão de São Paulo; a correspondência epistolar; a arte dramática; a poesia. Na terceira seção, apresentamos a visão de alguns estudiosos e críticos literários acerca da obra de José de Anchieta. Seguem-se, na quarta seção, as considerações finais.

2. A OBRA DE JOSÉ DE ANCHIETA

A obra plural do Apóstolo do Brasil representa um legado de inegável valor. Dada a sua extensão, trazemos a seguir o que nos parece essencial em cada gênero, com observações de críticos e estudiosos.

2.1 A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil

Escrita pelo padre José de Anchieta a partir da pesquisa sobre a língua falada pelos indígenas, que empreendeu desde sua chegada ao Brasil, mas que só foi publicada em 1595, em Coimbra, a *Arte*¹ (1990 [1595]) constitui o “texto inaugural da história da gramática no Brasil” e “o testemunho documental da estratégia inaciana implementada na conversão do índio e difusão da fé católica”, conforme o historiógrafo Ricardo Cavaliere (2022, p. 74).

Em carta escrita em São Vicente, Anchieta afirmava estar ainda se iniciando no aprendizado da língua geral, mas já se dedicava a reuni-la em uma arte, acrescentando que “só a aproveitarão os que souberem gramática”². O professor explica que Anchieta, embora tenha aprendido a língua geral falada em São Vicente e Piratininga, ao escrever a *Arte* (1990 [1595]), levou em conta as “variantes linguísticas que se manifestavam ao longo da costa brasileira”, não se restringindo somente ao tupi falado em São Paulo ou São Vicente, o que justifica o título de sua gramática.

¹ Uma edição fac-similar da *Arte*, pela Biblioteca Nacional do Brasil, datada de 1933, encontra-se também no Real Gabinete Português de Leitura, acessível pelo sítio <http://rgplpac.bibliopolis.info/opac/>.

² Tal afirmação, como se lê em Cavaliere (2022, p. 85), leva em conta que Anchieta “se valia em gramática latina para poder dar conta da descrição da língua geral”. Considere-se que, no século XVI, e até o século XVIII, o ensino da gramática latina constituía a base do estudo da língua portuguesa.

O historiógrafo lembra que Anchieta não possuía outras gramáticas que lhe servissem de modelo: “também se deve destacar a falta de referência a outros gramáticos ou obras, fato que reforça o estilo lacônico e extremamente objetivo, típico de um texto de cunho eminentemente didático” (Cavaliere, 2005, p. 75).

Da *Arte* (1990 [1595]) utilizavam-se também os demais jesuítas em seu trabalho missionário no Brasil, uma vez que “não estudavam a língua como foco de pesquisa”, e sim “como meio de comunicação”. O interesse dos jesuítas era o de um “interlocutor interessado em manter contato com a população nativa”, sem “preocupação de interferências linguísticas”, complementa Cavaliere (2005, p. 81). Distribuída por quinze capítulos, a descrição da língua mais falada na costa do Brasil abrange a grafia, a pronúncia, estendendo-se aos campos da fonética, da fonologia, da morfologia e da semântica.

Anchieta assim justificou os primeiros capítulos de sua *Arte* (1990 [1595]), deixando clara a existência de outras variantes linguísticas encontradas na costa brasileira:

isto das letras, ortografia, pronúncia e acento servira para saberem pronunciar o que acharem escrito os que começam aprender: mas como a língua do Brasil não está em escrito, senão no contínuo uso do falar, o mesmo uso, e viva voz ensinaram melhor as muitas variedades que tem, porque no escrever e acentuar cada um fará como lhe melhor parecer (Anchieta, 1990 [1595], p. 9).

Outras características que atestam a singularidade dessa obra, em relação às do século XVI, são lembradas por Cavaliere (2022, p. 75): “o estilo enxuto que resulta na ausência de prólogo, de palavras prévias que discorram sobre o escopo da obra, e mesmo sobre sua experiência pessoal em contato com a língua descrita”. Trata-se de trabalho “extremamente objetivo”, destinado ao uso didático, como acrescenta o professor.

2.2 O Sermão da Conversão de São Paulo

A missão de Anchieta, como se sabe, tinha como meta principal a evangelização. Diversos foram os meios de que se utilizou para realizá-la. Entre eles, os sermões. Pelo caráter emblemático do tema, no contexto da expansão do cristianismo, encontra-se o da conversão de Saulo³ no apóstolo Paulo de Tarso, objeto deste sermão (Anchieta, 1988 [1933], p. 521-540), que representa um grande embate entre o bem e o mal. Este persegue o mal, com a certeza de que é preciso combatê-lo até a aniquilação total. Assim procedeu Saulo, no encalço dos discípulos de Jesus, que, por ordem do Mestre, saíram, após sua morte, a pregar seus ensinamentos em todo o mundo então conhecido. Configurava-se, assim, o cenário de enfrentamento entre aquelas duas forças opostas.

De modo didático, Anchieta iniciou o sermão com uma analogia, por meio da qual apresentou uma situação hipotética: um desafio entre pessoas importantes, como príncipes e senhores. A seguir, incluiu os ouvintes do sermão e a si mesmo, usando o pronome *nós*, em um cenário cujos atores principais eram Jesus e São Paulo: “[...] de parte de Jesus estão todos os céros angelicos e os santos, de parte do santo⁴ estão todos os exércitos infernais dos diabos e dos fariseus, desejando uns e outros ter a vitória de sua parte” (Anchieta, 1988 [1933], p. 521).

Afrânio Peixoto, analisando esse sermão, identifica em Anchieta não apenas o religioso em seu ofício, mas também o profundo conhecedor do ser humano e, além disso, o exegeta, intérprete do texto bíblico:

³ Saulo, judeu nascido em Tarso (Turquia), foi educado em Jerusalém. Em razão de seu radicalismo religioso, perseguiu os cristãos.

⁴ Trata-se de referência a São Paulo, antes da conversão.

depois de descrever a peleja de Cristo ofendido, e de Paulo perseguidor: ‘Paulo, Paulo, porque me persegues?’, o orador que não recorda apenas, mas lembra para edificar, passa a descrever o caminho de Damasco da vida, em que nós pecamos, isto é, perseguimos a Deus, (...). É a tragédia única de Paulo, transposta para o cotidiano incessante do mundo... É o drama perene da consciência, invocado para comover, edificar e reformar. (...) Há quatro séculos (...), Anchieta achara este símbolo, transcendente: Deus e o Demônio dentro de nós... E quando pecamos, cedendo a um, vem-nos da consciência, a voz do Outro que nos pergunta: ‘Pecador, pecador, por que me persegues?’ (Peixoto *apud* Anchieta, 1988 [1933], p. 37)

Pelos recursos retóricos, literários e linguísticos que empregava em seus sermões, como no exemplo acima, Anchieta é considerado “o iniciador da literatura brasileira em prosa” por Afrânio Peixoto (*apud* Anchieta, 1988 [1933], p. 3).

2.3 A correspondência epistolar

O gênero epistolar tornou-se um verdadeiro ofício na Companhia de Jesus, a partir de sua fundação, época em que muitas terras haviam sido descobertas por portugueses e espanhóis. Para a consolidação do império português ultramarino, fazia-se necessária, a par da evangelização dos povos originários, uma robusta correspondência, em que os jesuítas deveriam relatar à Coroa Portuguesa e aos Superiores da Companhia o que acontecia nessas terras.

Nas cartas havia mais que relatos. Trata-se, conforme Peixoto (*apud* Anchieta, 1988 [1933]), de documentos de grande valor para a história do primeiro século do Brasil, pois retratam uma época em que os meios de comunicação eram escassos. Assim, as notícias do “Novo Mundo” demoravam meses para chegar ao destino. Esse foi o meio de descrever não só os costumes, os animais, os vegetais, os

alimentos, as vestimentas, como também a vida nos colégios, nos aldeamentos, as guerras e tudo o que acontecia no Brasil quinhentista. E Anchieta executou com primor esses relatos.

Para além de dar visibilidade à Companhia de Jesus e manter o fluxo das informações, as cartas jesuíticas continham descrições importantes do que havia sido encontrado na terra, relatos sobre os primeiros contatos com os povos originários, ocorrências cotidianas da Ordem nas colônias portuguesas da América, além de planos de catequese. Essa correspondência foi, assim, “um poderoso instrumento de informação e de divulgação das atividades da Companhia” e fundamental “para manter a unidade e a comunicação entre o centro da Companhia (Roma) e seus membros dispersos pelo mundo”, conclui Sheila Hue (2006, p. 14).

Assim, através dessas cartas, José de Anchieta comunicava-se com os superiores de Coimbra, Lisboa e Roma. Em uma das primeiras, em 1554, o jesuíta informou que estava em Piratininga, que dormia em redes, vivia numa casinha feita de “barro e paus” e que precisava de novos membros para a missão.

Sobre as comunicações epistolares de Anchieta, afirma Peixoto (*apud* Anchieta, 1988 [1933], p. 32): “os talentos precoces, em castelhano e português, haviam de fazê-lo escrivão de cartas, redator de informações, a mando dos superiores [...]”, expressando-se com o mesmo grau de competência observável nos demais sacerdotes da Companhia de Jesus.

A extensa “Carta X” (Anchieta, 1988 [1933], p. 113-139), escrita em São Vicente (31 de maio de 1560), é dirigida ao Padre Geral, que solicitara a informação de tudo o que fosse “digno de admiração ou desconhecido nessa parte do mundo”. Anchieta descreveu os percalços e aflições sofridos em consequência de uma violenta tempestade que quase destruiu o navio onde viajava com outros quatro missionários,

informou a localização de São Vicente, comentou sobre as estações do ano, com as respectivas características locais, e apresentou observações detalhadas sobre a flora e a fauna⁵:

úteis à medicina não há só muitas árvores, como raízes de plantas; direi, porém, alguma cousa, máxime das que são proveitosas como purgantes.

Há uma certa árvore, de cuja casca cortada com faca, ou do galho quebrado, corre um líquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estomago por violentos vômitos: por pouco, porém que se exceda na dose, mata (Anchieta, 1988 [1933], p. 137).

Convém mencionar que o missionário se dedicou também à medicina empírica, utilizando conhecimentos dos indígenas sobre o uso da flora, como exemplifica o texto anteriormente citado, em que o jesuíta cita uma árvore com propriedades curativas.

Em “Carta de São Vicente”, em 1565, Anchieta revelou como se deram os primeiros trabalhos de iniciação religiosa dos indígenas, o que incluía a condenação do canibalismo:

logo começamos a ajuntar os meninos e meninas do lugar, com os quais também se achegavam algumas mulheres e homens, e lhes começamos a ensinar as cousas da fé, anunciando Nosso Senhor Jesus Cristo àqueles que dele nunca haviam ouvido, (...) em públi-

⁵ Conforme explica Alcântara Machado (*apud* Anchieta, 1988 [1933], nota 89, p. 139-140), as numerosas notas a essa carta, redigidas por autoridades nos respectivos assuntos, trazem informações pormenorizadas, tais como: a origem dos nomes, em tupi e latim, que designam as espécies da flora e da fauna encontradas por Anchieta, bem como fenômenos a elas relacionados, como a piracema. Essas notas são da autoria do Dr. Afrânio do Amaral, diretor do Instituto Butantan, e outros colaboradores.

co e em particular admoestávamos, especialmente que aborrecessem o comer da carne humana porque não perdessem suas almas no inferno [...] (Anchieta, 1988 [1933], p. 211).

Anchieta conclui a “Carta X” com as seguintes palavras:

narrei essas cousas brevemente, como pude, posto que não duvides que haja muitas outras dignas de menção, que são desconhecidas a nós, ainda aqui pouco práticos. Rogamos entretanto aos que achem prazer em ler e ouvir estas cousas, queiram tomar o trabalho de orar por nós e pela conversão deste país (Anchieta, 1988 [1933], p. 139).

É interessante observar que o jesuíta estava ciente de que o texto que estava produzindo destinava-se a um determinado tipo de leitor, que esperava informações sucintas e transparentes. Vale destacar, também, a preocupação de Anchieta em produzir textos que não só agradassem o destinatário, mas também o sensibilizassem para as dificuldades enfrentadas, principalmente no que concerne ao trabalho de evangelização.

2.4 A arte dramática

Em contato com a cultura indígena, Anchieta observou atentamente o uso da música, do canto e da dança nos rituais, tanto de cunho religioso quanto social, para os quais havia instrumentos musicais próprios e todo um preparo do corpo, com pintura e adereços retirados dos elementos disponíveis na natureza local. Todo esse aparato foi aproveitado nas encenações que o missionário foi engendrando para aproximar dos indígenas padrões europeus de comportamento e religiosidade, tão distantes das culturas locais. Nesse sentido, criou diálogos, quase sempre em versos, utilizando palavras de mais fácil pronúncia e memorização. Também para esse fim traduziu inúmeros vocábulos do tupi para o português e deste

para o tupi. Mas, quando não encontrava palavra correspondente a, por exemplo, “pecado”, cujo conceito era inexistente para os nativos, Anchieta a enxertava na língua geral, como observa Bosi, na próxima seção.

Esse trabalho de construção dos autos, conforme a pesquisadora Kalewska (2007, p. 178), configura “o desenvolvimento do teatro no seu estado primário”.

Entre as numerosas peças teatrais criadas pelo Apóstolo do Brasil, destacamos: *Na festa de São Lourenço* (1977d), *Auto do Dia da Assunção* (1977b), *Auto da pregação universal* (1977a) e *Auto dos mistérios de Nossa Senhora* (1977c), nos quais são postos em evidência os hábitos indígenas considerados “maus”, em face da moral cristã, como antropofagia, curandeirismo, poligamia e fumo. A leitura desses e de outros autos anchietanos leva-nos a concluir que o conjunto dessas obras constitui, como afirma a estudiosa Kalewska (2007, p. 178), “um grande monumento da iniciação dramática no Brasil”.

No entendimento de Alfredo Bosi, há um evidente valor na dramaturgia de Anchieta, voltada para a transposição de hábitos e crenças dos indígenas para uma nova mentalidade (Bosi, 1992), conforme mais adiante se lê.

2.5 A poesia

“Anchieta, primeiro poeta brasileiro” – assim o professor e crítico literário Eduardo Portella (2005, p. 11) intitula a apresentação da antologia poética do jesuíta, que se tornou brasileiro “sobretudo pelo sentimento ‘nativista’, tão arraigado nele”.

Diferentemente de Sílvio Romero (1980) – que valorizou, em termos artísticos, especialmente as cartas de Anchieta – e de outros críticos que encontraram mais qualidade nos sermões, por seu conteúdo orientado para a evangelização, Portella (2005, p. 12) vê, no “Anchieta documento de nossa história literária”, as qualidades

artísticas de suas poesias, “profundamente marcadas de Brasil”. E acrescenta: “a própria destinação de sua obra, o fato de ser ela escrita para leitores brasileiros ou já brasileiros, obrigava-o a uma atitude, a uma cosmovisão, a um estilo, que eram antes brasileiros e, de modo algum, portugueses ou castelhanos”.

Sabe-se que a formação intelectual e religiosa de Anchieta se deu em Portugal, onde o medievalismo foi muito forte, o que de certa forma retardou a assimilação do Renascimento naquele país. Esse fato, associado à condição de jesuíta, favorecia a afinidade maior de Anchieta em relação a uma estética medieval do que à renascentista. E justifica:

[...] acredito que, em certo sentido, Anchieta deve ser entendido como uma manifestação de cultura medieval no Brasil. E medieval não somente pelo seu comportamento. Ao realizar uma poesia simples, de timbre didático, porém medieval também pela sua forma poética, seus ritmos, sua métrica. A sua própria linguagem apresenta, por vezes, traços nitidamente medievalizantes (Portella, 2005, p. 12-13).

A poesia anchietana, em português ou espanhol, em latim ou tupi, conforme Paes e Massaud Moisés (1980, p. 43),

surge marcada por acentos fortes de melancolia e desencanto, quando não por uma unção religiosa que não chega a ser mística (...). Duma pureza lírica que lembra os melhores momentos da poesia gilvicentina, são as trovas escritas para Santa Inês, em pentassílabos.

Veja-se o trecho a seguir do poema “A Santa Inês”:

Cordeirinha linda,
como folga o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo!

Cordeirinha santa,
de Iesu querida,
vossa santa vinda
o diabo espanta. (...) (Anchieta *apud* Portella, 2005, p. 14)

Portella (2005, p. 14) adverte que essa simplicidade da poesia de Anchieta não se justifica tão somente pela adoção do medievalismo, mas “pelo desejo ou empenho único de atender à sua necessidade catequizante. Seria, portanto, uma simplicidade puramente funcional”. Veja-se, como exemplo, o poema “Do Santíssimo Sacramento”:

Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar,
se nos dá no santo altar
cada dia!

Filho da Virgem Maria,
que Deus-Padre cá mandou
e por nós na cruz passou
crua morte.

E para que nos conforte
se deixou no sacramento,
Para dar-nos com aumento
sua graça (...) (Anchieta *apud* Portella, 2005, p. 16)

Ainda segundo Portella (2005, p. 16), em Anchieta encontra-se “um primitivo no sentido cristão da palavra (...), de quem aceita a Revelação e vê o mundo com simplicidade”, como se observa no poema acima.

Uma outra característica que individualiza a lírica anchietana está em que, ao se afastar do individualismo, aproxima-se das circunstâncias:

é este, com efeito, o principal elemento identificador da poesia lírica de José de Anchieta. Da lírica e da dramática, uma vez que de *lirismo* e *drama* se compõe o seu universo poético. (...) A lírica, essa é rica e múltipla através de seus diversos sentimentos: de amor, de admiração (para com Deus), de dor (para com o mundo), de denúncia (para com o homem) (Portella, 2005, p. 14-15).

Na poesia, vale ainda destacar o “Poema à Virgem”, escrito enquanto mantido refém dos tamoios, em agradecimento por ter conseguido manter o voto de castidade ao recusar uma jovem índia, que lhe foi oferecida, como era costume em relação aos prisioneiros. Anchieta escreveu o poema na areia, com mais de cinco mil versos em latim, e os memorizou, até que fosse libertado e pudesse transcrevê-los.

Ser ou não ser o primeiro poeta do Brasil certamente não estava nos planos do missionário, que escrevia segundo sua missão de catequizador e sua alma profundamente religiosa. Sobre a poesia de Anchieta, veja também, a seguir, o comentário de Alfredo Bosi, que a classifica como literatura.

3. A VISÃO DE ESTUDIOSOS E CRÍTICOS LITERÁRIOS

Procuramos reunir, nesta seção, a visão de estudiosos e críticos literários que, ao se debruçarem sobre o legado de José de Anchieta, contribuíram para o entendimento da multiplicidade e da amplitude de sua obra. Assim, selecionamos algumas das vozes representativas de diversos campos do saber: crítica literária, literatura, filologia, história e historiografia linguística.

3.1 Alfredo Bosi

Sobre as facetas dessa figura humana, que é o padre José de Anchieta, Alfredo Bosi (1986, p. 23) ressalta a importância do Apóstolo do Brasil ao afirmar que “é o Anchieta poeta e dramaturgo que

interessa ao estudioso da incipiente literatura colonial”. Mas o crítico adverte: se, de um lado, os autos de Anchieta se concentram na transposição de hábitos e crenças dos indígenas para uma nova mentalidade, mais próxima do catolicismo ibérico, “o mesmo não acontece com os seus poemas, que valem em si mesmos como estruturas literárias”.

Os autos foram escritos ora em português, ora em tupi, ora em espanhol. Como destaca Bosi (1986), estão voltados para a missão pastoral do jesuíta, que consistia em preparar tanto o nativo quanto o colono para a integração à cultura religiosa que perpassa cerimônias litúrgicas católicas. Entre essas peças, cita: auto representado *Na festa de S. Lourenço* (1977d), *Na Vila de Vitória* (1977e), *Na visitação de Sta. Isabel* (1977f) e o *Auto da pregação universal* (1977a).

No auto *Na festa de S. Lourenço* (1977d), Guaixará (rei dos maus espíritos) nomeia, como obras suas, dentre outras, a beberagem, as danças ritualísticas, a antropofagia, que, sob a perspectiva do missionário europeu, constituíam comportamentos inaceitáveis, pecaminosos. Bosi (1992, p. 70) lembra que as religiões monoteístas condenam os rituais mágicos, “os gestos que lembrem fenômenos mediúnicos ou de possessão e o horror a atos que façam submergir no transe a identidade pessoal”.

O auto *Na vila de Vitória* (1977e), segundo Bosi (1992, p. 74; 78), é o que apresenta mais coerência com as alegorias utilizadas na catequese: não há personagens, mas vozes que remetem a entes políticos, morais ou religiosos. Aparece aqui a alegoria *Ingratidão*, que se orgulha de ser filha do Anjo do Mal.

O *Auto da pregação universal* (1977a) foi, entre as peças de Anchieta, o mais representado. Versa sobre o capote (pelote) que Adão recebeu e deixou o Anjo do Mal furtar. Só conseguiu resgatá-lo através de Jesus Cristo, o novo Adão (Bosi, 1992, p. 74).

Ao escrever para os nativos e os colonos que já utilizavam a língua geral da costa, Anchieta se comunicava em tupi, como estratégia de aculturação, pois “aculturar também é sinônimo de traduzir”. Assim, “o projeto de transpor para a fala do índio a mensagem demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro” (Bosi, 1992, p. 65).

O crítico aponta a importância e a complexidade desse trabalho na transposição da mensagem católica para a fala do indígena, o que implicava, entre outras estratégias, “enxertar” vocábulos e expressões portuguesas no idioma nativo, para isso buscando alguma homologia, o que muitas vezes exigia do jesuíta grande esforço no uso de recursos linguísticos que pudessem tornar compreensíveis e aceitáveis as noções apresentadas na catequese. Como exemplo, Bosi (1992, p. 66) avalia o grau de dificuldade na construção de uma analogia entre Tupã, uma força identificada com o trovão, e o Deus uno, trino, todo-poderoso e ao mesmo tempo vulnerável na sua encarnação como filho.

Anchieta criou a poesia e o teatro povoados, de um lado, por anjos e santos, e, de outro, por “Anhangá – Demônio, com a sua corte de espíritos malévolos”, afirma Bosi (1992, p. 68). A demonização apresentava o catecúmeno “possuído por forças estranhas das quais o viria salvar um deus”. Assim, numa época em que, na Europa, toda manifestação mítica era considerada feitiçaria, a doutrina católica procurava apagar os vestígios animistas ou mediúnicos e apresentar o diabo cercado e vencido.

Do ponto de vista do eu lírico, a finalidade da simbologia cristã do pão, do vinho, do calor e do beijo “é sempre a *visão* de Deus”, o que Bosi (1992, p. 85) exemplifica com o poema “Ao Santíssimo Sacramento”, no qual Anchieta remete o leitor ao conhecimento direto da divindade por meio da fé:

enquanto a presença tarda
 do vosso divino rosto,
 o sabroso e doce gosto
 deste pão
 seja minha refeição
 [...]

Comendo de tal penhor,
 nele tenha minha parte
 e depois, de vós me farte
 com vos ver! (Anchieta, 1977 *apud* Bosi, 1992, p. 85).

Bosi (1992, p. 92-93) oferece-nos ainda elementos diferenciadores entre o Anchieta taumaturgo e o Anchieta poeta. Tais elementos conferem ao leitor a percepção de um missionário que pregava em tupi, compunha autos devotos e, por vezes, circenses, pois estava “absorvido pela práxis da conquista e da colonização” e, no entanto, escrevia líricas sacras cheias de “sentimento religioso”. Ele procurava, *no interior dos códigos tupis*, moldar uma forma poética “bastante próxima das medidas trovadorescas, em suas variantes populares ibéricas, como os redondilhos, quintilhas e consonâncias finais” com rimas alternadas ou opostas. Bosi ressalta que, embora sejam em idioma tupi as palavras empregadas por Anchieta, o ritmo do período, os acentos e pausas são portugueses.

Para finalizar, Bosi (1992, p. 93) afirma que “Anchieta fala não só línguas várias, mas linguagens distintas conforme o seu auditório”. E conclui lembrando que um teatro de catequese e uma lírica religiosa talvez sirvam de “estímulo para repensar os contrastes internos do intelectual ‘que vive em colônias’”.

3.2 Andrea Daher

Para cumprir sua missão, os jesuítas tiveram que aprender a se comunicar com os indígenas nas próprias línguas nativas. Com esse

objetivo, passaram a viver nas aldeias, onde se utilizavam de intérpretes, conhecidos como “línguas”.

Segundo Manoel da Nóbrega (*apud* Daher, 1998, p. 31-32), “uma das competências essenciais do evangelizador é o domínio da língua, fruto da graça de que todo missionário é dotado, além da fé que lhe permite confiar-se a Deus [...]”. Conhecedor de diversos idiomas, Anchieta aprendeu a língua da terra em seis meses.

Assim, em 1560, Anchieta foi convocado por Nóbrega para auxiliá-lo como “língua” nas negociações de paz com os tamoios de Ubatuba, para que estes abandonassem os franceses e se associassem aos portugueses. Anchieta permaneceu naquele território na condição de refém voluntário, até que Nóbrega retornasse com os termos oficiais do acordo com os tamoios. Nesse intervalo, como mencionado na seção sobre a poesia anchietana, criou o poema “De beata virginæ”. É também de sua autoria o épico “De rebus gestis Mendi Saa”, em louvor do herói Mem de Sá, na luta contra os franceses que pretendiam fundar a França Antártica. Com esses dois poemas, Anchieta legou o registro de que a implantação do cristianismo estava intimamente ligada à preservação do domínio do colonizador português.

O trabalho de catequese estaria, portanto, fundamentalmente ligado à escrita. Nesse sentido, os missionários produziram grande número de formas textuais com finalidade catequética, como o catecismo romano, traduzido para a língua indígena; escreveram cartilhas e orações, traduziram para as línguas indígenas os Evangelhos e um extenso número de textos, com a finalidade de “produzir e estruturar a consciência do índio, sua forma de conteúdo e sua forma de expressão. Destribalizar para produzir consciência, para produzir constância” (Daher, 1998, p. 40).

Dessas formas textuais a pesquisadora destaca, como de especial interesse para o projeto de evangelização do Brasil, a gramática da língua geral e os catecismos ou doutrinas – impressos ou manuscritos –, para uso exclusivo dos padres, sem manuseio direto por parte do índio-catecúmeno, como é o caso do “Diálogo da Fé” e a “Doutrina cristã”, do Padre José de Anchieta, reunidos no *Catecismo na lingoa brasílica*, de Antônio de Araújo (1618 *apud* Daher, 1998). Com isso, comprova-se que, no trabalho missionário, as regras da língua encontram-se fortemente associadas à instrução religiosa.

Na verdade, segundo Daher (1998, p. 40), mais do que a língua, importava a modificação da consciência, a destribalização para produzir obediência e constância. E acrescenta que as operações “escriturárias” de gramaticalização “permitiram a produção de uma memória e de uma consciência do índio”, ou seja, o índio pronunciando, ele mesmo, em sua própria língua, a verdade católica.

3.3 Cleonice Berardinelli

É na dramaturgia que Anchieta, “o primeiro dramaturgo brasileiro”, assim considerado por Cleonice Berardinelli (2008, p. 89), encontra o meio perfeito de unir a sua arte à missão de catequizar. O teatro, como afirma a professora, é o meio mais eficaz de convencer. Para isso, o jesuíta soube empregá-lo como estratégia, em que os índios eram atores e plateia, uma vez que a eles todo esse trabalho era dirigido.

Personagens marcantes de suas peças eram os anjos e os diabos, respectivamente portadores do bem e do mal. Mas estes “são em geral os grandes sedutores”, como esclarece a professora, “cabendo aos anjos o oporem-se-lhes, na tentativa de salvar as almas” (Berardinelli, 2008, p. 96). Num paralelo com os autos vicentinos, a autora afirma que tanto os diabos anchietanos quanto os de Gil Vicente eram “oniscientes dos erros dos homens”, mas chama a atenção para

o fato de que, “nos pecados revelados pelos demônios” (dos autos anchietanos) “ficam patentes as faltas da humanidade, que delas se poderá livrar pela graça de Deus, intermediada pela igreja e, mais diretamente, pela atuação benéfica da Virgem, dos Santos e dos anjos”. Nesses autos, os anjos não são nomeados, ao passo que os diabos são identificados com nomes dos indígenas que o jesuíta caracterizava como portadores do mal, que era preciso erradicar.

Berardinelli (2008, p. 100) chama-nos a atenção para o fato de que, enquanto Gil Vicente denunciava as mazelas de uma sociedade renascentista sofisticada, Anchieta “apontava os erros para mostrar ao povo, brancos e índios, que estava errado e era preciso e possível emendar-se. Mais requintados, os diabos vicentinos; mais simples, mais próximos à mentalidade da gente rude, os anchietanos”.

3.4 José Aderaldo Castello

O padre José de Anchieta, figura síntese do século XVI, modelo de linguagem, de formas e de criações literárias, também criou textos independentes dos compromissos religiosos, e exemplo disso são composições como a dedicada à Virgem Maria, conforme Castello (1999) faz questão de ressaltar.

O crítico destaca o valor literário indiscutível da obra de Anchieta. Lembra que o jesuíta evoluiu das formas mais simples de representação, para o teatro em verso, identificando-se com Gil Vicente.

Ao considerar que o missionário-poeta lançava sementes suficientes para iniciar uma “diversificação de linguagem e sincretismo temático diferenciadores de matrizes europeias”, Castello (1999, p. 65) caracteriza Anchieta como *iniciador-precursor*, enfatizando sua importância na literatura. A obra de Castello auxilia quem quer conhecer as origens da literatura no Brasil e deve ser lida paralelamente à história do Brasil, desde o período colonial.

3.5 José Guilherme Merquior

O crítico José Guilherme Merquior (1979, p. 8) considera Anchieta como a “primeira grande figura de literato – embora não o primeiro grande escritor – do Brasil Colônia”. Por integrar a literatura dos catequistas como outros religiosos – a saber, Manuel da Nóbrega e Fernão Cardim –, são esses primeiros textos que vão compor a história das letras no Brasil. Dessa forma, “ingressamos no terreno propriamente literário.”

O crítico observa que Anchieta, na sua lírica, mantém-se fiel à “medida velha” dos cancioneiros medievais, não aderindo ao Renascimento e a sua revolução. Além disso, nota que o lirismo do poeta mantém o misticismo, uma simbologia simples, uma “poesia primitiva” e fácil para ser recitada.

Quanto às peças teatrais, apesar de variadas, Merquior (1979, p. 9) considera-as de “nível espiritualmente rudimentar”. Do ponto de vista formal, as peças de Anchieta estão vinculadas “à dramaturgia Medieval” pelo uso, por exemplo, de alegorias como as do anjo e do diabo, empregadas também por Gil Vicente, como também observa Cleonice Berardinelli. Merquior deixa claro que o teatro produzido por Anchieta tem uma visão cênica “ultra-esquemática”, bem de acordo com o público “inculto” da colônia. Adaptadas à realidade dos indígenas, as peças tinham a função de entreter e catequizar.

3.6 Leodegário de Azevedo Filho

O filólogo e professor Leodegário de Azevedo Filho (1993), antes mesmo de se deter na poesia do padre José de Anchieta, adverte os estudiosos para a importância de se observar a obra do jesuíta “em seu conjunto”, levando em conta a diversidade de seus escritos.

A propósito da obra poética de Anchieta, Azevedo Filho comenta que, embora vivesse no século XVI, em que vigorava o Renascimen-

to, Anchieta não se orientava pelos cânones da literatura renascentista, pois escrevia:

[...] apenas hinos, cantigas, vilancetes, seguidilhas, trovas populares, tercetos medievais, sem revelar qualquer influência das técnicas difundidas pelo Renascimento, que então cultivavam sonetos, canções, odes, éclogas, sextinas, septinas, terza rima à italiana, como se pode ver em Sá de Miranda, Camões, Diogo Bernardes e Antônio Ferreira, autores que Anchieta realmente nunca leu (Azevedo Filho, 1993, p. 82).

Essa postura do missionário justifica-se, conforme Azevedo Filho (1993), pela formação intelectual e religiosa de Anchieta, em que a cultura medieval ainda prevalecia. Vale observar que, já nos anos finais do século XVI, iniciava-se o movimento denominado Barroco, fase em que a obra de Anchieta já se havia revelado nos diversos gêneros a que se dedicou. Nelas se encontram traços prenunciadores do barroquismo, movimento que floresceria no século seguinte, inclusive nos sermões e outros escritos de religiosos.

Mas o que de fato interessa a Azevedo Filho (1993, p. 86) é a questão: “se Anchieta pode ou não ter a sua obra literária incluída na órbita do Maneirismo ou do Barroco. A nosso ver, pode”.

Esse parecer leva-nos a refletir sobre as opiniões divergentes expressas por críticos e outros estudiosos quanto à natureza literária, ou não, da obra do padre José de Anchieta e sua inserção na história da literatura brasileira como precursor. As claras referências de Leodegário de Azevedo Filho a essa obra nos dizem que sim.

3.7 Nelson Werneck Sodré

Em sua *História da literatura* (1982), Sodré dedica um capítulo às primeiras manifestações literárias no Brasil Colônia. O trabalho dos estudantes jesuítas, segundo Serafim Leite (*apud* Sodré, 1982, p. 74),

distinguiu-os em duas categorias: os letrados – que estavam destinados a ser os professores e pregadores – e os demais, que se dedicavam à conversão. Dessa afirmação de Leite, Sodré destaca o “finalismo do ensino jesuítico”, observando que, na “apagada atividade literária colonial”, os inacianos desempenharam papel importante “pelo que representaram, pelo que ensinaram, pelo que orientaram”.

Conforme Sodré (1982, p. 74), o ensino e o púlpito eram destinados aos letrados, enquanto falar com “gente inculta, que usava outra língua, muito próxima de uma infância intelectual”, era missão dos catequistas. Vale observar que havia, naquele momento, como assinala Sodré (1982, p. 75-76), uma “finalidade precisa e urgente” da missão inaciana: a propaganda da fé. Nesse sentido é que o padre Manuel da Nóbrega encomendou a Anchieta o *Auto da Pregação Universal* (1977a), que viria a ser a primeira peça de teatro escrita no Brasil.

Mas, como fé e educação caminhavam juntas, ao trabalho dos catequistas somava-se o dos pregadores e professores. Sodré (1982, p. 77) explica que, nos três séculos do regime colonial, o ensino esteve a cargo dos jesuítas. Nesse contexto, os colégios constituíam os “únicos centros de ensino”. Foi nesses centros e casas de jesuítas que se formaram as primeiras bibliotecas do país, polos de irradiação da cultura.

De acordo com Sodré (1982, p. 80), há no jesuíta a “intenção literária”, uma verdadeira vocação, “a posse de qualidades criadoras que, postas em relação com o tempo e o meio, marcam a sua preeminência e singularidade”.

Nelson Werneck Sodré concorda com Sílvio Romero, ao sustentar que Anchieta é, de fato, o precursor da nossa literatura e acrescenta a percepção de que os traços que mais caracterizam a obra anchietana coadunam-se com a orientação da literatura brasileira logo após a Independência.

3.8 Sílvio Elia

No artigo “Anchieta e a evangelização do Brasil”, as palavras iniciais de Sílvio Elia (1999) recordam a consagração do padre José de Anchieta como beato pelo papa João Paulo II, em 1980, reconhecimento oficial de uma vida dedicada ao cristianismo, “que teve por cenário a selva brasileira e por interlocutores gente em idade da pedra, afeita à caça e ao nomadismo, guerreiros desnudos e antropófagos, numa palavra, homens sem Fé, nem Lei, nem Rei, para falar com Pedro de Magalhães de Gândavo” (Elia, 1999, p. 207). Ao mesmo tempo, o autor lembra que eram criaturas de Deus e, por isso, redimidas pelo sangue de Cristo. Mereciam, portanto, ter suas almas salvas através da mensagem católica.

O professor menciona dados relevantes da biografia de Anchieta, desde sua chegada à Bahia, em 1553. Destaca sua colaboração com o padre Manuel da Nóbrega na pacificação dos tamoios, para que estes não se associassem aos franceses na pretendida criação da França Antártica, o que determinou a vinda de Anchieta à capitania do Rio de Janeiro, em 1565, em auxílio a Estácio de Sá, para a expulsão dos invasores.

Para Elia (1999, p. 219-220),

Anchieta, humanista transplantado para a selva brasileira, não esquecia as origens europeias. Por isso não só adquiriu a língua dos selvagens, mas estudou-lhe ainda as regras e assim compôs a primeira gramática que se publicou da língua tupi, obra de valor ímpar do século XVI.

3.9 Wilson Martins

Ao examinar a poesia de José de Anchieta, Martins (1977-1978) coloca-se em posição distinta entre dois polos da crítica literária. De um lado, Melo Moraes Filho e o padre jesuíta Hélio Abranches Viot-

ti – este prefaciador da edição das poesias anchietanas –, os quais consideraram Anchieta o autêntico criador da literatura nacional; de outro lado, Sílvio Romero, para quem Anchieta foi apenas o precursor. Martins pondera que o Apóstolo do Brasil não chega a ocupar nem o lugar de criador, nem o de um mero precursor das letras no Brasil. Do ponto de vista histórico, para Martins, cabe a Anchieta o reconhecimento de que foram dele as primeiras tentativas de poesia de cunho religioso ou não.

O que Martins (1977-1978, p. 29) aponta como de fato relevante é que “a poesia lhe serviu de instrumento político (no sentido amplo da palavra), foi-lhe um meio de conquistar para a sua própria ideologia os selvagens brasileiros do século XVI”. Essa ideologia, embora não pertencente à visão de mundo dos indígenas, era portadora de conceitos cujo conteúdo de algum modo se aproximava de elementos das crenças e do imaginário desses povos, tais como o sobrenatural, o eterno, o mistério, o desconhecido, o transitório. Havia, portanto, algo em comum entre essas culturas tão diversas. E isso Anchieta utilizou com êxito em sua missão, inclusive ao adaptar, de certo modo, os mistérios da religião católica aos das crenças indígenas. Tal procedimento, comum entre os catequizadores da época, favoreceu, segundo Martins (1977-1978), o surgimento do sincretismo religioso no Brasil.

Mas foram, segundo o crítico, as diferenças entre os conceitos religiosos dos missionários e as crenças dos povos originários que constituíram “a fonte de toda a atividade literária de Anchieta: ele empregou a poesia, o teatro e o canto como instrumentos de catequização e foi com isso um longínquo precursor da ‘litterature engagée’” (Martins, 1977-1978, p. 30).

Naquele contexto, a propósito da poesia anchietana, Martins considera que

Anchieta realizou (...) não uma obra de arte – que a sua poesia está longe de merecer um grande lugar como simples construção estética – mas um monumento catequizador em que a forma poética, como a forma musical, como a forma diretamente taumatúrgica, foram apenas os materiais, os instrumentos da ação. Não vejo, nas suas poesias, ‘jóias literárias’, mas vejo ‘documentos literários’ de alguma importância histórica e provocando discussão de certo interesse (Martins, 1977-1978, p. 31).

Assim, os poemas de Anchieta, segundo Martins (1977-1978, p. 31), apresentam um valor mais histórico e linguístico do que literário, uma vez que “constituem um repositório de dados etnográficos e indicações geográficas e linguísticas”.

O crítico aborda, ainda, a questão da autenticidade dos poemas anchieta, em face da ausência de assinatura. Martins lembra que tal prática era corrente nos tempos em que o sentimento religioso prevalecia sobre o estético, em que a missão a que se dedicavam os religiosos justificava a opção pelo anonimato voluntário – caso em que se encontrava Anchieta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho memorável realizado no Brasil Colônia por José de Anchieta foi pautado por dois objetivos: a propagação da fé, por parte da Companhia de Jesus, e a colonização da terra, pelo colonizador português. Assim, a religião exercia papel essencial na conquista do território, dilatando o reino e a cristandade.

Intitulado “O Apóstolo do Brasil”, Anchieta soube entrelaçar a escrita e a missão catequética, ao criar, por exemplo, peças teatrais em versos simples, de forma a que pudessem ser facilmente memorizados pelos atores indígenas. A gramática e o teatro produzidos pelo missionário permitiram que a escrita se tornasse um instrumento para o processo de conversão. Essa estratégia tornou possível a cate-

quização dos indígenas e a aculturação pretendidas. Era necessário, em todo esse processo, combater o mal, que, sob a ótica do colonizador português e do missionário católico, materializava-se no consumo de bebidas, na invocação dos espíritos, no canibalismo e demais práticas condenadas pela Igreja.

Apesar de algumas opiniões divergentes sobre o papel de Anchieta na literatura brasileira, prevalece a percepção, pela maioria dos estudiosos e críticos aqui apresentados, de que Anchieta é, de fato, seu precursor, seja na qualidade de poeta, de taumaturgo ou de autor de cartas. Fato é que sua múltipla obra se mescla com os primórdios da história e das letras no Brasil.

RECEBIDO: 30/03/2024

APROVADO: 04/08/2024

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição fac-similar com versão atualizada *in fine* por Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

ANCHIETA, José de. Auto da pregação universal. *In*: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Obras Completas, vol. 3. Introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo: Loyola, 1977a.

ANCHIETA, José de. Auto do Dia da Assunção. *In*: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Obras Completas, vol. 3. Introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo: Loyola, 1977b.

ANCHIETA, José de. Auto dos mistérios de Nossa Senhora. *In*: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Obras Completas, vol. 3. Introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo: Loyola, 1977c.

ANCHIETA, José de. *Cartas*: informações, fragmentos históricos e sermões. Nota preliminar e introdução de Afrânio Peixoto. Posfácio de Antônio de Alcântara Machado. Edição fac-similar em fotomontagem da 1. edição publicada em 1933 pela Academia Brasileira de Letras. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Cartas Jesuíticas 3. Coleção Reconquista do Brasil, 2. série, vol. 148).

ANCHIETA, José de. Na festa de São Lourenço. *In*: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Obras Completas, vol. 3. Introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo: Loyola, 1977d.

ANCHIETA, José de. Na Vila de Vitória. *In*: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Obras Completas, vol. 3. Introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo: Loyola, 1977e.

ANCHIETA, José de. Na visitação de Santa Isabel. *In*: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta*. Obras Completas, vol. 3. Introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S. J. São Paulo: Loyola, 1977f.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Algumas considerações sobre renascimento, maneirismo e barroco na obra literária de Anchieta. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 08, n. 10, p. 75-87, dezembro 1993.

BERARDINELLI, Cleonice. Anchieta, o Brasil e a função catequista do seu teatro. *In*: CAVALIERE, Ricardo (org.). *Entrelaços entre textos: miscelânea em homenagem a Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 89-102.

BOSI, Alfredo. Anchieta ou as flechas opostas do sagrado. *Dialética da colonização*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1986.

CARTAS do brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega (*opera omnia*). Introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite S. I. Edição fac-similar comemorativa dos 500 anos da descoberta do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. (Coleção Reconquista do Brasil, 2. série, v. 211)

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. V. I (1500-1960). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. *História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

DAHER, Andrea. Escrita e conversão: a gramática tupi e os catecismos bilíngües no Brasil do século XVI. *Revista brasileira de Educação*, n. 8, p. 31-43, maio-ago. 1998.

ELIA, Silvio. Anchieta e a evangelização do Brasil. *Confluência*, n. 17-18, p. 207-222, jun. 1999.

HUE, Sheila Moura (tradução, introdução e notas). *Primeiras cartas do Brasil (1551-1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KALEWSKA, Anna. Os autos indianistas de José de Anchieta e a iniciação do teatro luso-brasileiro. *Itinerarios*, n. 6, p. 175-193, 2007. Disponível em: <http://itinerarios.uw.edu.pl>.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. V I (1550-1794). São Paulo: Cultrix, 1977-1978.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 182).

PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud (Orgs.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 2. ed. revista e ampliada por Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

PORTELLA, Eduardo. *José de Anchieta: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. Coleção Nossos Clássicos.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7. ed. V. 2. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura*. São Paulo: Difel, 1982.

MINICURRÍCULO

VANDITH VIEIRA DA SILVA SANTOS é Mestra em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras-Português/Inglês. Professora aposentada da Prefeitura do município do Rio de Janeiro. Exerceu diversas funções, além de Professora, ao longo da carreira de mais de trinta anos, como Coordenadora Pedagógica e Diretora de escola. Foi pesquisadora bolsista do Real Gabinete Português de Leitura / Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras no Rio de Janeiro no período de agosto de 2023 a julho de 2024, Bolsa Evanildo Bechara.

BERTY R. R. BIRON é Doutora e Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduada em Letras Modernas pela Puc-Rio. Sua linha de pesquisa funda-se no estudo da tradição épica em cujo âmbito produziu a tese *Tradição e renovação do poema épico Caramuru*. Autora do capítulo “Luzes, razão e fé em Caramuru”, do livro *Épicos*, editado pela USP. É membro do Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura e colaboradora da revista *Convergência Lusíada*.